JESUÍTAS BRASIL

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Nº 485 | Ano XVI
16/05/2016

ISSN 1981-8769 (impresso)
ISSN 1981-8793 (online)

Agroecossistemas e a ecologia da vida do solo

Por uma outra forma de agricultura

Ana Maria Primavesi: ***Observar, conhecer e integrar. Passos para uma ecologia da vida***

Antonio Nobre: ***Quando a tecnociência vê um pixel mas ignora a paisagem***

Steve Gliessman: ***Agroecossistema. A interação e os relacionamentos de todas as partes do sistema alimentar***

Interview with Alastair McIntosh about spiritual activism, liberation theology and relationship to the land, in the Brazilian Jesuit agricultural magazine, IHU, May 2016. A copy of the original English text follows the Portuguese, but I am unable to check it against the original, and in any case, the original was written in a rush to meet production deadlines and is therefore not a polished piece of work.

Agroecossistemas e a ecologia da vida do solo. Por uma outra forma de agricultura

"A natureza, ao longo de bilhões de anos, evoluiu um sofisticadíssimo sistema vivo de condicionamento do conforto ambiental. Biodiversidade é o outro nome para competência tecnológica na regulação climática. A maior parte da agricultura tecnificada adotada pelo agronegócio é pobre em relação à complexidade natural. Ela elimina de saída a capacidade dos organismos manejados de interferir beneficamente no ambiente, introduzindo desequilíbrios e produzindo danos em muitos níveis", afirma **Antonio Donato Nobre**, cientista do Centro de Ciência do Sistema Terrestre do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - CCST/Inpe, na entrevista publicada na revista **IHU On-Line** desta semana que debate o desafio e a urgência de "desenvolver agroecossistemas alternativos ante o forte controle do sistema alimentar do qual se assenhorearam atualmente grandes corporações e interesses privados", como atesta **Steve Gliessman**, professor de Agroecologia do Departamento de Estudos Ambientais da Universidade da Califórnia.

Além destes pesquisadores supracitados, participam do debate **Ana Primavesi**, uma das pioneiras nos estudos e práticas agroecológicas no Brasil, **Ulrich Loening**, membro do Conselho de Administração do Centro de Ecologia Humana (Centre for Human Ecology), em Edimburgo, na Escócia, **Alastair McIntosh**, membro honorário da Faculdade de Teologia da Universidade de Edimburgo e professor visitante de Ciências Sociais na Universidade de Glasgow, na Escócia, e **Genebaldo Freire Dias**, doutor em Ecologia pela Universidade de Brasília - UnB.

Uma resenha do livro "Economia ecológica. Princípios e Aplicações" (Lisboa: Instituto Piaget, 2004), de Herman Daly e Joshua Farley, é apresentada por **José Roque Junges**, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Unisinos.

Também nesta edição podem ser lidas as entrevistas com **Luiz Carlos Bresser-Pereira**, economista, professor da Fundação Getulio Vargas em São Paulo, cuja obra "A Construção Política do Brasil. Sociedade, Economia e Estado desde a Independência" (São Paulo: Editora 34, 2014) é sintetizada e refletida por **Gilberto Antonio Faggion**, mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e professor da Unisinos, e com **André de Azevedo**, economista e professor do Programa de Pós-Graduação em Economia da Unisinos, que descreve, a partir da história do Plano Real, as principais características dos problemas econômicos do Brasil contemporâneo.

Por sua vez, **Vito Mancuso**, teólogo italiano refletindo sobre conceitos como Misericórdia e Perdão, constata que "numa sociedade como a nossa, onde quase tudo tende a ser monetizado e calculado com base no ganho pessoal, tem enorme necessidade da gratuidade e da misericórdia". "Eles são agora - afirma - uma das referências mais credíveis da transcendência".

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!

Crédito foto de Capa: USDA NRCS South Dakota/Flicker Creative Commons

IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação
Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU
Ricardo Machado - MTB 15.598/RS (ricardom@unisinos.br)

Jornalistas
João Vitor Santos - MTB 13.051/RS (joaovs@unisinos.br)
Leslie Chaves – MTB 12.415/RS (leslies@unisinos.br)
Márcia Junges - MTB 9.447/RS (mjunges@unisinos.br)
Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS (prfachin@unisinos.br)

Revisão
Carla Bigliardi

Projeto Gráfico
Ricardo Machado

Editoração
Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio
Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Alves.

Colaboração
Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, de Curitiba-PR.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br
Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Quando o bolso enche e o espírito se esvazia

Alastair McIntosh trabalha na perspectiva da ecologia humana para entrelaçar os conceitos de ativismo espiritual com ambiental, uma forma de despertar a consciência para guiar mudanças

Por João Vitor Santos | Tradução Moisés Sbardelotto

A conexão entre o espírito e o ambiente é fundamental para compreender o mundo e a relação com ele. Essa é a perspectiva de Alastair McIntosh, ativista, acadêmico e escritor escocês, que trabalha conceitos baseados na Teologia da Libertação. Para ele, "o ativismo espiritual tem a ver com trabalhar com conscientização – a ativação da consciência para guiar a mudança que esperamos no mundo". Sem essa postura, acredita que o ativismo ambiental pode correr o risco de esvaziamento. "Temos observado que, se as pessoas não têm um fundamento espiritual para o seu ativismo pela mudança social, ambiental e até mesmo religiosa, então, na maioria das vezes, elas se 'queimam' ou se 'vendem'", completa.

McIntosh também destaca que quando, por exemplo, a questão econômica está desprendida dessa relação (espiritual/ambiental), se esvazia e passa a ser um fim em si e não um meio para a vida humana no planeta. "A questão espiritual, portanto, é perguntar que necessidade o consumismo está tentando preencher. Eu acho que ele está preenchendo um vazio dentro de nós mesmos, que não aprendemos a preencher de maneiras melhores", analisa.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line,** o ativista aponta que "o problema com o capitalismo é quando o dinheiro por si só vem regular o mundo". Para ele, o que deve mover é o sentido à vida. Assim, a ideia primeira é sempre se as ações que se executam promovem a vida ou a destruição. "A questão de economia, então, sempre deve ser: ela é conduzida dentro de um marco de sentido e de ética que dá vida?", questiona.

Alastair McIntosh é ativista, acadêmico e escritor escocês que busca aplicar a Teologia da Libertação no seu trabalho de ativismo espiritual pela mudança social, ambiental e religiosa. Ao se anunciar como Quaker (nome dado a vários grupos religiosos, com origem comum em um movimento protestante britânico do século XVII), não assume formação teológica formal. Entretanto, é membro honorário da Faculdade de Teologia da Universidade de Edimburgo e professor visitante de Ciências Sociais na Universidade de Glasgow. É líder do movimento de reforma agrária da Escócia, conforme descrito em seu livro *Soil and Soul: People versus Corporate Power* (London: Aurum Press, 2001) (em tradução livre, Solo e alma: o povo contra o poder corporativo). Vive com a sua esposa em Govan, onde é diretor fundador da associação GalGael Trust, que trabalha com a pobreza urbana.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o senhor compreende a ecologia humana, desde a relação do ser humano com o ambiente social e com o ambiente natural?

Alastair McIntosh – Eu entendo a ecologia humana como a ecologia do ser humano. Falamos sobre a ecologia dos ratos, ou das girafas, ou dos cardumes de peixes no mar. O que queremos dizer com isso é a sua relação com o ambiente. Pois bem, é o mesmo para a ecologia humana. A relação entre o ambiente social e o ambiente natural.

> ***A questão espiritual, portanto, é perguntar que necessidade o consumismo está tentando preencher. Eu acho que ele está preenchendo um vazio dentro de nós mesmos, que não aprendemos a preencher de maneiras melhores***

Você pode perguntar se isso não é o mesmo que a geografia humana. Sempre, no uso de tais palavras, isso depende de como definimos nossos termos. Geografia, do grego *geo*, significa aquilo que tem a ver com a Terra. A raiz grega *oikos* é um pouco diferente. Ela significa "habitação" ou "casa". Palavras como ecologia, economia, ecumênico e paroquial, portanto, têm todas a ver com a nossa relação com a casa, com o nosso ser incorporado no lugar. Esse sentido de lugar é cosmológico.

E, mais, eu diria que ele deve se integrar em um sentido exterior, geográfico e geológico, mas também em um sentido interior. Um sentido criativo, imaginativo e espiritual. Para mim, portanto, a ecologia humana engloba questões do sentido e da sustentação da vida. Ela pode nos ajudar a abordar a questão de qual é o sentido que dá sentido à vida. Para mim, portanto, a ecologia humana integra o estudo da espiritualidade e da teologia. Nem todo mundo concordaria com isso, porque, para alguns, a vida interior – aquela que eu estou chamando de vida espiritual – não tem qualquer sentido mais profundo. Bem, isso depende do nosso sistema de crenças e também da nossa experiência de vida. Algumas pessoas simplesmente não experimentaram isso ou podem estar fechadas para experimentar isso. Essa pode ser a sua escolha.

IHU On-Line – Em que medida o agronegócio representa uma relação baseada na lógica do consumismo/capitalismo entre o ser humano e o planeta? Como a agroecologia pode se apresentar como alternativa?

Alastair McIntosh – Essa é uma forma de relação entre o ser humano e o planeta, e, como uma forma de fazer economia, é uma maneira de organizar essa relação medida com a nossa casa. É isso que a palavra economia significa. A medição ou a métrica de como nós habitamos o nosso mundo. O problema com o capitalismo é quando o dinheiro por si só vem regular o mundo, na ausência de valores baseados naquilo que dá sentido. Especificamente, no sentido expressado pelo fato de perguntar o que dá vida. Esta sempre é a questão espiritual central na ética: *isso dá vida?*; e, se tomarmos os ensinamentos de Jesus, somos chamados a apreciar não apenas qualquer tipo de vida, mas a "vida abundante" (João 10, 10), a riqueza da plenitude da vida. Eu chamo isso de vida como amor tornado manifesto.

A questão de economia, então, sempre deve ser: ela é conduzida dentro de um marco de sentido e de ética que dá vida? O fluxo de capitais às vezes é e às vezes não é. Quando o capitalismo não tem qualquer restrição, ele tende à destruição da vida. Quando o consumismo é promovido para vender produtos, explorando as vulnerabilidades psicológicas dos consumidores, ele destrói o planeta, assim como a alma.

Mas não tem que ser assim. Uma economia que dá vida é aquela que alimenta as cinco mil pessoas [referindo-se ao relato evangélico] com base em princípios de justa relação entre as pessoas. E. F. Schumacher[1], que escreveu *Small is Beautiful*[2], falou sobre a justa relação como o princípio da economia budista. Eu acho que a maioria das tradições espirituais entende isso. Elas encorajam as pessoas a buscar a suficiência na produção econômica, a serem consumidoras, mas não a irem ao excesso, a serem consumistas. Platão[3] descreveu isso muito claramente no Livro 2 da *República*[4]. Ele contou como as pessoas precisam viver com uma abundância modesta, em vez de um estado de "inflamação", como ele a chamou, se quiserem viver em contentamento e em paz; e, no seu tempo livre, disse ele, elas irão cantar hinos aos deuses. Pois bem, os jo-

1 **Ernst Friedrich Fritz Schumacher** (1911-1977): pensador econômico, estatístico e economista no Reino Unido, servindo como conselheiro-chefe de economia ao National Coal Board britânico por duas décadas. Suas ideias tornaram-se populares em boa parte do mundo anglófono durante a década de 1970. Ele é mais conhecido por sua crítica às economias ocidentais e suas propostas de tecnologias adequadas e descentralizadas. As teorias básicas de desenvolvimento de Schumacher ficaram conhecidas pelos termos "escala intermediária" e "tecnologia intermediária". Em 1977, publicou A Guide for the Perplexed, uma crítica ao cientificismo materialista e uma exploração da natureza e da organização do conhecimento. Junto com amigos de longa data e sócios como Mansur Hoda, Schumacher fundou o Intermediate Technology Development Group, agora conhecido como Practical Action, em 1966. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **New York:** Harper Perennial, 1989. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006,disponível em http://bit.ly/pteX8f. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento,* disponível em **IHU On-Line**)

4 São Paulo: Martin Claret, 2000. (Nota da **IHU On-Line**)

vens da cidade riram dele, mas, como ele apontou, no seu tipo de economia exploradora, vemos as raízes da guerra.

Uma outra economia

Qual é a resposta? Para mim, a resposta é trazer as relações de volta para a nossa economia. É por isso que movimentos como o *Fair Trade* [Comércio Justo][5] e a agricultura orgânica são tão importantes. Eles são formas de fazer negócios que buscam trazer as justas relações. É por isso também que eu não debocho da responsabilidade social corporativa (CSR). Sim, muitas vezes ela é uma *greenwash* ["maquiagem verde"], mas eu também a tenho visto ser muito mais do que isso.

Todos nós consumimos os produtos e os serviços de empresas, e é importante lembrar que pode haver pessoas nessas organizações que tentam não ter que abandonar seus valores na soleira da porta quando vão para o trabalho. Eu tenho trabalhado com o programa *One Planet Leaders*[6] da WWF[7] sobre isso e devo dizer que tenho ficado impressionado com algumas das iniciativas que vi e com as pessoas que conheci.

IHU On-Line – Qual a relação entre mudanças climáticas e espiritualidade? De que forma o pensamento teológico pode contribuir para a compreensão sistêmica da relação do ser humano com o planeta?

Alastair McIntosh – As mudanças climáticas são impulsionadas tanto pelos níveis populacionais, quanto pelo nível de consumo material.

> ***Eu defino a Teologia da Libertação como a teologia que liberta a própria teologia, de modo que ela possa dar vida***

Neste momento, no mundo, é o consumismo – que eu defino como consumo em excesso daquilo que é necessário para a suficiência digna – que está guiando o impacto planetário por meio das emissões de CO2 e, portanto, causando as mudanças climáticas.

A questão espiritual, portanto, é perguntar que necessidade o consumismo está tentando preencher. Eu acho que ele está preenchendo um vazio dentro de nós mesmos, que não aprendemos a preencher de maneiras melhores. A vida espiritual é a melhor maneira. Aqui, o objetivo é preencher nosso vazio interior com o divino, com revelações do amor divino e de tudo o que flui a partir do amor.

Perspectiva de Francisco

O papa vem de uma tradição que, da melhor forma, entende essas coisas. Estou animado com o fato de que esse papa parece estar aberto e parece estar praticando a Teologia da Libertação[8]. Eu defino a Teologia da Libertação como a teologia que liberta a própria teologia, de modo que ela possa dar vida. Embora eu não seja católico romano, admiro muito as pessoas dessa Igreja que estão ensinando o resto de nós a como fazer isso, e a *Laudato si'*[9], assim como outros escritos desse papa e, especialmente, a *Evangelii gaudium*[10], estão

5 **Comércio justo** (em inglês: fair trade): é um dos pilares da sustentabilidade econômica e ecológica (ou econológica, como vem sendo chamada). Trata-se de um movimento social e uma modalidade de comércio internacional que busca o estabelecimento de preços justos, bem como de padrões sociais e ambientais equilibrados nas cadeias produtivas, promovendo o encontro de produtores responsáveis com consumidores éticos. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **One Planet Leaders** (um líder do planeta, em tradução livre): programa da ONG WWF que reúne a corte de negócios de ponta e conhecimentos de sustentabilidade. Muitos líderes empresariais reconhecem a necessidade de responder ao desafio da sustentabilidade, mas não sabe como transformá-lo em proveito próprio e usá-lo para empurrar para a criação de valor. Este programa não só tenta equipá-los com as informações mais recentes e relevantes na sustentabilidade, mas também com um conjunto afiada de liderança, estratégia de negócios e mudar ferramentas de gerenciamento que são de classe mundial. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **WWF**: inicialmente World Wildlife Fund, e depois World Wide Fund for Nature, é uma das mais conhecidas ONGs ambientalistas do planeta, tendo iniciado suas atividades em 1961, por iniciativa de um grupo de cientistas da Suíça preocupados com a devastação da natureza. A partir da sede na Suíça a entidade se tornou uma rede mundial de defesa do meio-ambiente, com representações nos principais países do mundo. A rede é apoiada por pessoas de origens diferentes, preocupadas com o mesmo objetivo: garantir a preservação do planeta. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Teologia da Libertação**: escola teológica desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em http://bit.ly/bsMG96.Leia, também, a edição 404 da revita IHU On-Line, de 05-10-2012, intitulada *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate*, disponível em http://bit.ly/SSYVTO. (Nota da **IHU On-Line**)

9 ***Laudato Si'*** (português: Louvado sejas; subtítulo: "Sobre o Cuidado da Casa Comum"): encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato Sí'* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista IHU On-Line publicou uma edição em que analisa debate a Encíclica. Confira em http://bit.ly/1NqbhAJ. O Instituto Humanitas Unisinos – IHU ainda produziu conteúdo na plataforma Médium, disponível em http://bit.ly/1R40X14. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Evangelii gaudium:** A exortação apostólica Evangelii Gaudium, publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do Papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das

ajudando muito nisso. Eles legitimam formas espirituais de pensar sobre questões como o capitalismo, em relação ao qual o papa é extremamente crítico. A minha esperança é de que ele vai começar, em breve, a pensar mais profundamente sobre a espiritualidade da violência e da não violência, porque isso está no coração de tudo.

IHU On-Line – No que consiste a perspectiva do ativismo espiritual e como pode se entrelaçar a ideia de ativismo ambiental?

Alastair McIntosh – Recentemente, com a ajuda de um ativista mais jovem, Matt Carmichael, eu escrevi um livro chamado *Spiritual Activism* [Ativismo espiritual][11], que se baseia no meu livro anterior e mais conhecido, *Soil and Soul*, que é sobre a comunidade e a reforma agrária. Nós escrevemos sobre o ativismo espiritual, porque temos observado que, se as pessoas não têm um fundamento espiritual para o seu ativismo pela mudança social, ambiental e até mesmo religiosa, então, na maioria das vezes, elas se "queimam" ou se "vendem".

O que é o espiritual?

O espiritual é a interioridade, ou a natureza interior, de todas as coisas. É o que dá sentido e interconecta. É o fluxo da própria força vital, e não estou me referindo à vida apenas no sentido biológico: estou me referindo à vida como uma qualidade da consciência, e, portanto, aquilo que o grande educador brasileiro Paulo Freire[12] chamou de "conscientização".

O ativismo espiritual tem a ver com trabalhar com conscientização – a ativação da consciência para guiar a mudança que esperamos no mundo. Isso significa que temos de entender o que significa ser um ser humano. É entender o que Freire chamou de processo de humanização. E isso não apenas para os pobres, mas também para aqueles que são afligidos por serem ricos, porque, como Freire mostrou em sua profunda humanidade, os pobres são as únicas pessoas que podem libertar os ricos das desilusões da sua riqueza.

> ***As pessoas não têm um fundamento espiritual para o seu ativismo pela mudança social, ambiental e até mesmo religiosa, então, na maioria das vezes, elas se 'queimam' ou se 'vendem'***

Quando Freire veio para a Escócia nos anos 1990, eu tive o privilégio – quando ele estava falando, e a sua garganta ficou seca – de ir buscar para ele um copo d'água. Eu nunca escrevi sobre isso antes. Mas, de certa forma, é isso que faz a conscientização do ativismo espiritual como uma aplicação da teologia da libertação. Ela nos molha quando as nossas gargantas secam. Ela nos capacita no nosso ativismo, não apenas para falar, mas também para fazer poesia e até mesmo para cantar um canto novo (Salmo 96, 1).

IHU On-Line – Como compreender a relação entre o ser humano e a terra? Em que medida o desequilíbrio nessa relação – a inabilidade de compreender essa relação – pode representar risco para todas as formas de vida do planeta?

Alastair McIntosh – Eu acho que a relação tem a ver com o desenrolar da vida consciente, mediante os processos de tempo dentro da eternidade. É sobre isso que estou escrevendo em meu próximo livro – *Poacher's Pilgrimage: an Island Journey* [A peregrinação do caçador ilegal: uma jornada insular, em tradução livre]. Estou escrevendo sobre a questão do que somos por dentro. Estou chamando isso de "uma ecologia da imaginação". Eu acho que a Terra e este universo inteiro são mantidos dentro da habilidade imaginativa de Deus; mantidos dentro do *mythos* cósmico como a inteligência imaginativa ou criativa, e expressados, manifestados através do *logos* cósmico ou inteligência organizativa. Nesse pensamento, eu recorro fortemente ao teólogo indiano-espanhol Raimon Pannikar[13].

---

mulheres na Igreja. Também critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, a especulação financeira, a corrupção generalizada e a evasão fiscal. Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo: 2013). (Nota da **IHU On-Line**)

11 **London:** Green Books, 2015. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Paulo Freire** (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). É autor de *A Pedagogia do Oprimido*, entre outras obras. A edição 223 da revista **IHU On-Line**, de 11-06-2007, teve como título *Paulo Freire: pedagogo da esperança* e está disponível em http://bit.ly/ihuon223. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Raimon Pannikar** (1918-2010): padre e teólogo espanhol. Durante sua carreira acadêmica, teve a oportunidade de abordar diferentes tradições culturais. Publicou mais de 40 livros e 300 artigos de filosofia, ciência, metafísica, religião e hinduísmo. Foi membro do Instituto Internacional de Filologia (Paris, França) e presidente do Vivarium – Centro de Estudos Interculturais da Catalunha. Há um amplo material no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU dos quais destacamos: *Superar a cristologia tribal, o desafio proposto por Raimon Panikkar*, disponível em http://bit.ly/1lMqMEm; *Raimon Panikkar: diálogo e interculturalidade*, disponível em http://bit.ly/1lMqTjp; *Raimon Panikkar, teólogo da dissidência*, disponível em http://bit.ly/1rQV2DS. (Nota da IHU On-Line)

Quando Panikkar veio para Glasgow no início dos anos 1990, para dar suas *Gifford Lectures*, agora publicadas no livro *The Rhythm of Being*[14] [O ritmo do ser, em tradução livre], foi uma xícara de chá que eu servi para ele. A sua conferência em Govan, em Glasgow, onde eu vivo agora, foi sobre o tema *Agricultura, tecnocultura ou cultura humana?*. No fim, eu fiz uma pergunta: "Panikkarji, você nos mostrou muito claramente o que está errado no mundo, mas *como* podemos endireitá-lo?".

Ele respondeu: "Não cabe a mim lhe dizer como. Você deve trabalhar o 'como' por conta própria".

Quando eu levei para ele a xícara de chá – bem, podemos imaginar como os indianos podem ser em relação ao açúcar... –, ele pegou uma colher de açúcar, depois duas, e três, e foi colocando a colher no açucareiro de novo, quando me perguntou: "Quanto açúcar...?".

E eu respondi: "Panikkarji, não cabe a mim dizer quanto açúcar. Você deve resolver isso...!".

Bem, aí você vê que está o desafio do consumo e do consumismo. De encontrar o equilíbrio da relação certa dentro de nós mesmos, com os outros e com todo o ecossistema, que inclui o seu contexto divino.

IHU On-Line – Como os princípios de Quaker[15], a ideia de não violência, por exemplo, podem ser associadas à relação do ser humano como o meio ambiente? Quando a produção de alimentos pode ser tomada como "ação de violência" para com a terra e demais formas de vida do planeta?

Alastair McIntosh – Eu acho que temos sido mal servidos pelas teologias – sejam elas cristãs ou não – que nos ensinam as religiões violentas de homens violentos de tempos violentos. Quando eu leio os quatro evangelhos, eu encontro Jesus praticando e ensinando profundamente não a teoria da guerra justa, mas plenamente a não violência.

> ***A terra é a base da providência de Deus, e a palavra "providência" significa providenciar, prover***

Eu entendo a Cruz como a representação do poder do amor para absorver a violência do mundo, assumindo o sofrimento. No fim, esse amor nunca pode morrer. A Ressurreição é intrínseca a ele, porque esse amor vem de um lugar que impacta dentro do tempo, por meio da encarnação, mas está fora do espaço e do tempo.

No livro *Poacher's Pilgrimage*[16], em que eu escrevo sobre isso, estou usando o termo "teoria da libertação da expiação" [*liberation theory of the atonement*]. Eu tomo isso do meu falecido amigo, o teólogo estadunidense Walter Wink[17]. Para mim, uma teoria da libertação entende que nós só somos libertados da violência quando nos recusamos a jogar o seu jogo, quando nos recusamos a entrar no seu enquadramento da realidade. Como podemos fazer isso? Os santos e mártires mostram que apenas pelo poder de Deus podemos fazer isso. O arcebispo [Óscar Arnulfo] Romero[18] disse que isso significa assumir a violência do amor, mas não no sentido de ser violento, e sim de entender o caminho da Cruz como um caminho que absorve essa violência e a transforma em amor.

Essa é a grande tarefa teológica e espiritual do terceiro milênio do cristianismo, e uma tarefa na qual devemos trabalhar junto com todas as outras fés que se baseiam na busca de entender e de se apaixonar pelo Deus que é amor.

IHU On-Line – Por que é importante abordar o tema da reforma agrária ao tratar das questões ambientais?

Alastair McIntosh – Porque a terra é a própria base do *ecos* (latim)

14 New York: Orbis Books, 2013. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Quaker** (também denominado quacre em português): é o nome dado a vários grupos religiosos, com origem comum num movimento protestante britânico do século XVII. A denominação quaker é chamada de quakerismo, Sociedade Religiosa dos Amigos (em inglês: Religious Society of Friends), ou simplesmente Sociedade dos Amigos ou Amigos. Eles são conhecidos pela defesa do pacifismo e da simplicidade. Estima-se que haja 360.000 quakers no mundo, sendo o Quênia na África o local que possui a maior comunidade quaker. Criado em 1652, pelo inglês George Fox, o Movimento Quaker pretendeu ser a restauração da fé cristã original, após séculos de apostasia. A Sociedade dos Amigos, como também são conhecidos, reagiu contra o que considerava abusos da Igreja Anglicana, colocando-se como "sob a inspiração directa do Espírito Santo". Os membros desta sociedade, ridicularizados no século XVII com o nome de quakers (inglês para "tremedores"), que a maioria adota até hoje, rejeitam qualquer organização clerical, para viver no recolhimento, na pureza moral e na prática ativa do pacifismo, da solidariedade e da filantropia. (Nota da **IHU On-Line**)

16 Island Spirituality: Spiritual Values of Lewis and Harris (Islands Book Trust, June 2013)

17 **Walter Wink** (1935-2012): biblista americano, teólogo e ativista que foi uma figura importante no Cristianismo Progressista. Passou grande parte de sua carreira docente em Auburn Theological Seminary em New York City . Ele era conhecido por sua defesa da e trabalhos relacionados com a resistência não-violenta e suas obras seminais sobre "Os Poderes", Nomeando o Powers (1984), desmascarar a Powers (1986), envolvendo os Poderes (1992), quando os poderes cair (1998), e os poderes constituídos (1999). Ele também é conhecido por cunhar a frase "o mito da violência redentora ". (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Dom Oscar Romero** (1917–1980): arcebispo católico romano, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em mártir. Em fevereiro de 2015, foi beatificado pelo Papa Francisco. Confira nas Notícias do Dia, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, a entrevista especial com Anne Marie Crosville, Dom Oscar Romero ajudou a fortalecer meu compromisso com os mais pobres, disponível para download em http://bit.ly/18Dkkb4. Leia também as notícias publicadas em 09-11-2009, El Salvador reconhece responsabilidade no assassinato de Dom Romero, em http://bit.ly/15FzAYv e em 20-05-2007, Pedida a canonização de Oscar Romero na V Conferência, em http://bit.ly/15FzCPU. Dom Oscar Romero foi beatificado no dia 23 de maio de 2015, em San Salvador. (Nota da **IHU On-Line**)

ou *oikos* (grego) de que eu tenho falado. É por isso que o meu trabalho tem sido tão profundamente influenciado pelos teólogos da libertação latino-americanos – por Gustavo Gutiérrez[19], Leonardo Boff[20], Dom Helder Câmara[21] e todos os outros – e pelos invisíveis povos camponeses da terra – que eram a sua inspiração. Em *Soil and Soul*, mostrei como alguns de nós aplicaram as suas ideias na Escócia, e isso faz parte do motivo pelo qual agora a reforma agrária está acontecendo aqui.

A terra é a base da providência de Deus, e a palavra "providência" significa providenciar, prover. É o dom da bênção, da suficiência pela suficiência abençoada. A terra, propriamente entendida, nos religa à nossa natureza divina. Ela ajuda a nos tornarmos, como disse o apóstolo Pedro, "participantes da natureza divina" (2Pedro 1, 4).

IHU On-Line – Quais os desafios da humanidade para produzir alimentos numa integração sistêmica com o planeta?

Alastair McIntosh – "O pão nosso de cada dia nos dai hoje... venha a nós o Vosso Reino... assim na Terra como no Céu" (Mateus 6, 9-13).

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Alastair McIntosh – É suficiente dizer: amém. Mas, lembre-se, embora eu tenha dito essas coisas dentro da compreensão da fé cristã, o próprio Cristo disse: "Tenho ainda outras ovelhas que não são deste rebanho" (João 10, 16). Devemos resistir à tentação de tornar o nosso Cristo muito pequeno. Nós vivemos em uma era global com uma exposição às mais diferentes fés pelas quais os seres humanos tentam entender a realidade divina, incluindo as fés indígenas. Somos chamados, creio eu, a honrar todos os caminhos para a Verdade que se baseiam no amor tornado manifesto.■

19 **Gustavo Gutiérrez Merino** (1928): é um teólogo peruano e sacerdote dominicano, considerado por muitos como o fundador da Teologia da Libertação. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Leonardo Boff** (1938): teólogo brasileiro, autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da IHU On-Line, número 209, de 18-12-2006, disponível em http://bit.ly/iBjvZq, e concedeu uma entrevista sobre a Teologia da Libertação na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007, disponível em http://bit.ly/kaibZx. Na edição 238, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, concedeu a entrevista *A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz*, disponível em http://bit.ly/km44R2. Sua entrevista mais recente à IHU On-Line intitula-se *Ecologia integral. A grande novidade da Laudato Si'. "Nem a ONU produziu um texto desta natureza"* e está disponível em http://bit.ly/1lk6J6U (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Dom Hélder Câmara** (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo Hélder Câmara: cartas do Concílio em http://bit.ly/ihuon125. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em http://bit.ly/ihuon157. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário Dom Hélder Câmara – o santo rebelde. O material pode ser acessado em http://bit.ly/ihuon227. Veja também as entrevistas A amizade espiritual entre Paulo VI e Dom Helder Camara, disponível em http://bit.ly/1uFCR7r; e Dom Helder Câmara: "A síntese da melhor tradição espiritual da América Latina", ambas com Ivanir Rampon e publicada nas Notícias do Dia, de 02-11-2014 e 08-09-2013, disponível em http://bit.ly/1S1nSy7. O processo de beatificação e canonização foi recentemente autorizado pelo Vaticano e iniciado na arquidiocese de Olinda e Recife, sobre isso leia Dom Helder Camara. Hoje é a abertura oficial do processo de beatificação e canonização, publicado nas Notícias do Dia, de 03-05-2015, disponível em http://bit.ly/1cL289g. (Nota da **IHU On-Line**)

Interview with IHU On-Line magazine, Brazil

Professor Alastair McIntosh of the Centre for Human Ecology and Universities of Glasgow and Edinburgh interviewed by João Vitor dos Santos, May 2016

1. *How do you understand the concept of "human ecology", from the relationship of the human being with the social environment and the natural environment?*

   I understand human ecology to be the ecology of the human being. We talk about the ecology of mice, or giraffes, or shoals of fish in the sea. What we mean by that is their relationship to their environment. Well, it's the same for human ecology. The relationship between the social environment and the natural environment.

   You might ask if that is not the same as human geography. Always in the use of such words, it depends on how we define our terms. Geography, from the Greek *geo*, means that which is about the Earth. The Greek root, *oikos*, is slightly different. It means "habitation" or "home". Words like ecology, economics, ecumenical and parochial are therefore all about our relationship to home, to our being embedded in place. That sense of place is cosmological.

   What is more, I would say it must integrate place in an outer, geographical and geological sense, but also in an inner sense. A creative, imaginative and spiritual sense. For me, therefore, human ecology embraces questions of the meaning and underpinning of life. It can help us to address the question of what is the meaning that gives meaning to life. For me, therefore, human ecology integrates the study of spirituality and theology. Not everybody would agree with that because, to some the inner life, what I am calling the spiritual life, does not have any deeper meaning. Well, that depends upon our belief system and also our experience of life. Some people have simply not experienced it, or may be closed to experiencing it. That might be their choice.

2. *To what extent does the agribusiness represent a relationship based on the logic of consumerism/capitalism between the human being and the planet? How can agroecology present itself as an alternative?*

   Of course, it is a form of relationship between the human being and the planet, and as a way of doing economics, it is one way of organising that measured relationship with our home. That is what the word economics means. The measurement or metrics of how we inhabit our world. The problem with capitalism is when money alone comes to rule the world in the absence of values based on what gives meaning. Specifically, on meaning as expressed by asking what gives life. You see, that is always the central spiritual question in ethics: does it give life, and if we take the teachings of Jesus, we are called to enjoy not just any kind of life, but "abundant

life" (John 10:10), the richness of the fullness of life. I call it life as love made manifest.

The question of economics, then, must always be: is it conducted within a framework of meaning and ethics that gives life. The flow of capital sometimes is and sometimes is not. When capitalism lacks any constraint, it tends towards the destruction of life. When consumerism is promoted to sell products by exploiting the psychological vulnerabilities of consumers, it destroys the planet as well as the soul. But it doesn't have to be like that. A life-giving economics is one that feeds the five thousand based on principles of right relationship between people. E.F. Schumacher, who wrote Small is Beautiful, talked about right relationship as being the principle of Buddhist economics. I think most spiritual traditions understand this. The encourage people to seek sufficiency in economic production, to be consumers, but not to go to excess, to be consumerist. Plato described this very clearly in Book 2 of the Republic. He told how people need to live with a modest abundance rather than in a state of "inflammation" as he called it, if they are to live in contentment and peace, and in their spare time, he said, they will sing hymns to the gods. Well, the young men of the city laughed at him, but as he pointed out, in their kind of exploitative economy we see the roots of war.

What is the answer? For me, the answer is to bring relationships back into our economics. This is why movements like Fair Trade and organic farming are so important. They are ways of doing business that seek to bring about right relationships. It is also why I do not mock corporate social responsibility (CSR). Yes, it is often greenwash, but I have also seen it being much more than that. We all consume the products and services of corporations, an it is important to remember that there can be people in these organisations who try not to have to leave their values on the doorstep as they go in to work. I have worked with WWF's One Planet Leaders programme on this, and have to say that I have been impressed by some of the initiatives I have seen and people I have met.

3. *What is the relationship between climate change and spirituality? How can the theological thinking contribute to the systemic understanding of the relationship between the human being and the planet? (I would like you to evaluate the role of Pope Francis and his encyclical Laudato si')*

Climate change is driven by both population levels and the level of material consumption. At the moment in the world, it is consumerism – which I define as consumption in excess of what is needed for dignified sufficiency – that is driving planetary impact through CO2 emissions, and therefore causing climate change.

The spiritual question is therefore to ask what need consumerism is trying to fill. I think it is filling an emptiness inside of ourselves that we have not learned to fill in better ways. The spiritual life is that better way. Here the aim is to fill our emptiness inside with the divine, with revelations of divine love and all that flows from love.

The pope is coming from a tradition that, at its best, understands these things. I am exited that this pope appears to be open towards, and to be practicing, liberation theology. I define liberation theology as theology that liberates theology itself so that it can give life. Although I am not a Roman Catholic, I greatly admire people in that church who are teaching the rest of us how to do that, *and Laudato Si*, like other writings of this pope and especially *Evangelii Gaudium*, are very much helping with that. They legitimise spiritual ways of thinking about matters like capitalism, of which the pope is extremely critical. My hope is that he will next start to think more deeply about the spirituality of violence and nonviolence, because that lies at the heart of it all.

4. *What is the conception of the perspective of spiritual activism, and how can it intertwine itself with the idea of environmental activism?*

   Recently, with the help of a younger activist, Matt Carmichael, I wrote a book called *Spiritual Activism* that builds on my earlier and best known book, *Soil and Soul*, which is about community and land reform. We wrote about spiritual activism because we have observed that if people do not have a spiritual foundation to their activism for social, environmental and even religious change, then mostly they either burn out or they sell out.

   What is the spiritual? The spiritual is the interiority, or inner nature, of all things. It is what gives meaning and interconnects. It is the flow of the lifeforce itself, and I am not meaning life in only the biological sense: I am meaning life as a quality of consciousness, of consciousness, and therefore of what your great Brazilian educationalist Paulo Freire called "conscientisation".

   Spiritual activism is about working with conscientisation – the activation of consciousness and conscience to guide the change we hope for in the world. It means we have to understand what it means to be a human being. To understand what Freire called the process of humanisation, and that, not just for the poor, but for those who are afflicted by being rich, because as Freire in his deep humanity showed, the poor are the only people who can liberate the rich from the delusions of their wealth.

   You know, when Freire came to Scotland in the 1990s, I had the privilege – when he was speaking and his throat went dry – of going and fetching him a glass of water. I have never written about that before. But in a way, that is what the conscientisation of spiritual activism as an application of liberation theology does. It waters us where our throats go dry. It enables us in our activism not just to speak, but to speak poetry, and even, to sing a new song (Psalms 96:1).

5. *How is it possible to understand the relationship between the human being and the earth? To what extent may the imbalance in this relationship – the inability to understand this relationship – pose a risk to all forms of life on the planet?*

I think that relationship is about the unfolding of conscious life, through the processes of time inside eternity. This is what I am writing about in my next book – *Poacher's Pilgrimage: an Island Journey*. I am writing about the question of what it is that we are inside of. I am calling it "an ecology of the imagination". I think that the Earth and this whole universe is held within the imaginative facility of God. Held within the cosmic mythos as the imaginative or creative intelligence, and given expression, manifestation, through the cosmic logos or organising intelligence. In this thinking I draw heavily on the Indian-Spanish theologian, Raimon Pannikar.

When Panikkar came to Glasgow in the early 1990s to give his Gifford Lectures, now published as The Rhythm of Being, it was a cup of tea that I served him with. His lecture in Govan in Glasgow where I now live was on Agriculture, Technoculture or Human Culture? At the end, I asked a question: "Panikkarji, you have very clearly shown us what is wrong with the world, but how can we put it right?"

He answered: "It is not for me to tell you the how. You must work out the how for yourself".

When I took him the cup of tea – well, you know what Indians can be like with sugar – he took one spoon of sugar, then two, and three, and was putting the spoon into the bowl again when he asked me: "How much sugar….?"

And I replied, "Panikkarji, it is not for me to tell you how much sugar. You must work out….!"

Well, there you see is the challenge of consumption and consumerism. Of finding the balance of the right relationship within ourselves, with others and with the whole ecosystem, which includes its divine context.

6. *How can the principles of Quaker, the idea of non-violence, for example, be associated with the relationship of the human being and the environment? When can food production be taken as an "action of violence" to the land and other forms of life on the planet?*

I think that we have been poorly served by theologies – whether Christian or otherwise – that teach us the violent religions of violent men of violent times. When I read the 4 gospels, I find Jesus profoundly practicing and teaching not just war theory, but full on nonviolence.

I understand the Cross as representing the power of love to absorb the violence of the world by taking on suffering. In the end, such love can never die. Resurrection is intrinsic to it, because such love comes from a place that impacts within time, through incarnation, but stands outside of space and time.

In *Poacher's Pilgrimage* where I write about this, I am using the term "liberation theory of the atonement". I took that from my late friend the American theologian, Walter Wink. For me, a liberation theory understands that we are only liberated

from violence when we refuse to play its game, refuse to enter into its framing of reality. How can we do that? The saints and martyrs show that only by the power of God can we do that. Archbishop Romero said that this means taking on the violence of love, but not in the sense of being violent, rather, of understanding the way of the Cross as a way that absorbs that violence, and transforms it into love. This is the great theological and spiritual task of the third millennium of Christianity, and a task that we must work on alongside all other faiths that are based on seeking to understand and fall in love with the God who is love.

7. *Why is it important to address the issue of land reform to deal with environmental issues?*

   Because land is the very basis of the ecos (Latin) or oikos (Greek) that I have been talking about. This is why my work has been so profoundly influenced by your Latin American liberation theologians – by Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Dom Helder Camara, and all the others – the invisible peasant people of the land – who were their inspiration. In Soil and Soul I have shown how some of us have applied their ideas in Scotland, and that is part of why we now have land reform happening here.

   Land is the basis of God's providence, and the word, providence, means provide-ence. It is the gift of blessing, of sufficiency for blessed sufficiency. Land properly understood re-joins us to our divine nature. It helps to make us, as the apostle Peter put it, "participants in the divine nature" (2 Peter 1:4).

8. *What are the challenges for humanity to produce food in a systemic integration with the planet?*

   "Give us this day our daily bread … your world come … on Earth as it is in Heaven" (Matthew 6:9-13)

9. *Would you like to add something else?*

   No. It is enough to say, Amen. But remember, while I have said these things within the understanding of the Christian faith, Christ himself said "I have other sheep that are not of this fold" (John 10:16). We must resist the temptation of making our Christ too small. We live in a global age with exposure to the many different faiths by which human beings try to understand divine reality, including indigenous faiths. We are called, I believe, to honour all ways to Truth that are based on love made manifest.

Alastair McIntosh
mail@AlastairMcIntosh.com